



BYUNG-CHUL HAN
No enxame
Perspectivas do digital

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Han, Byung-Chul

No enxame : perspectivas do digital /
Byung-Chul Han ; tradução de Lucas Machado. –
Petrópolis, RJ : Vozes, 2018.

Título original : Im Schwarzm: Ansichten des
Digitalen

ISBN 978-85-326-5851-7

1. Ensaios filosóficos 2. Filosofia 3. Internet
(Rede de computadores) 4. Redes sociais I. Título.

18-17771

CDD-100

Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia 100

Cibebe Maria Dias – Bibliotecária – CRR-8/9427

Tradução de Lucas Machado



EDITORA
VOZES

Petrópolis

© Mathes & Seitz Berlin Verlag, 2013.

Título original em alemão: *Im Schwarm – Ansichten
des Digitalen*

Direitos de publicação em língua portuguesa – Brasil:

© 2018, Editora Vozes Ltda.

Rua Frei Luís, 100

25689-900 Petrópolis, RJ

www.vozes.com.br

Brasil

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

CONSELHO EDITORIAL

Diretor

Gilberto Gonçalves Garcia

Editores

Aline dos Santos Carneiro

Edrian Josué Pasini

Mariac Loraine Oleniki

Weider Lancieri Marchini

Conselheiros

Francisco Morás

Ludovico Garmus

Teobaldo Heidemann

Volney J. Berkenbrock

Secretário executivo

João Batista Kreuch

Editoração: Fernando Sérgio Olivetti da Rocha

Diagramação: Sheilandre Desen. Gráfico

Revisão gráfica: Nilton Braz da Rocha

Projeto de capa: Pierre Fauchau

Arte-finalização: Editora Vozes

ISBN 978-85-326-5851-7 (Brasil)

ISBN 978-3-88221-037-8 (Alemanha)

Editado conforme o novo acordo ortográfico.

Este livro foi composto e impresso pela Editora Vozes Ltda.

“As lágrimas jorram, a terra tem-me novamente.”

Fausto

Sumário

<i>Prefácio</i> , 9	
Sem respeito, 11	
Sociedade da indignação, 21	
No enxame, 25	
Desmediatização, 35	
O Hans Esperto, 43	
Fuga na imagem, 53	
Do agir ao passar de dedos, 59	
Do camponês ao caçador, 69	
Do sujeito ao projeto, 81	
<i>Nômos</i> da Terra, 89	
Fantasmas digitais, 95	
Cansaço da informação, 103	
Crise da representação, 109	
De cidadãos a consumidores, 115	
Protocolamento total da vida, 121	
Psicopolítica, 129	

Prefácio

Em vista da rápida ascensão da mídia¹ eletrônica, o teórico de mídias Marshall McLuhan observa, em 1964: “A técnica da eletrificação está, porém, em meio a nós, e nós somos zonzos, surdos, cegos e mudos em seu em-

1 Nesta tradução, alteramos entre traduzir o termo alemão *Medium* como mídia ou mantê-lo sem tradução conforme o que parecia mais apropriado segundo o contexto, dado que, em alguns momentos, o autor se refere especificamente às mídias no sentido das tecnologias de comunicação (como a mídia digital), mas, em outros, usa o termo em um sentido mais amplo, enquanto o meio em que algo se dá, o lugar em que algo ocorre, quando fala, por exemplo, do “*medium do espírito*”. No último caso, optamos por manter o termo original, uma vez que a tradução por meio poderia levar a uma confusão de sentido, já que meio também significa, em português, o instrumento *por meio do qual se atinge algo* (que seria *Mittel*, e não *Medium*, em alemão). A esse respeito, cf. BENJAMIN, W. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Porto Alegre: Zauk, 2012, nota 18 [Tradução: Francisco de Ambrosio Pinheiro Machado] [N.T.].

bate com a técnica de Gutenberg². Algo semelhante ocorre com a mídia digital. Somos desprogramados por meio dessa nova mídia, sem que possamos compreender inteiramente essa mudança radical de paradigma. Arrastamo-nos atrás da mídia digital, que, aquém da decisão consciente, transforma decisivamente nosso comportamento, nossa percepção, nossa sensação, nosso pensamento, nossa vida em conjunto. Embriagamo-nos hoje em dia da mídia digital, sem que possamos avaliar inteiramente as consequências dessa embriaguez. Essa cegueira e a estupidez simultânea a ela constituem a crise atual.

Sem respeito

Respeito significa literalmente *olhar para trás* [Zurückblicken]. Ele é um *olhar de volta* [Rücksicht]³. No trato respeitoso com os outros, controlamos o nosso *observar* [Hinsehen] curioso. O respeito pressupõe um olhar distanciado, um *pathos da distância*. Hoje, ele dá lugar a um ver sem distância, característico do *espetáculo*. O verbo latino *spectare*, ao qual espetáculo remonta, é um olhar voyeurístico, ao qual falta a consideração distanciada, o respeito (*respectare*). A distância distingue o *respectare do spectare*. Uma sociedade sem respeito, sem o *pathos da distância*, leva à sociedade do escândalo.

2 McLUHAN, M. *Die magischen Kanäle* [Os canais mágicos]. Düsseldorf et al., 1968, p. 29.

3 O termo alemão para respeito, *Rücksicht*, é composto pelos termos *Sicht* (vista, visão) e *Rück*, que significa, literalmente, “de volta”. Assim, o autor indica que o respeito (*Respekt*), como o seu sinônimo de origem alemão *Rücksicht* indica, seria, literalmente, um “olhar de volta”, *Zurückblicken*, uma “vista de volta” ao outro [N.T.].

O respeito é o alicerce da esfera pública. Onde ele desaparece, ela desmorona. A decadência da esfera pública e a crescente ausência de respeito se condicionam reciprocamente. A esfera pública pressupõe, entre outras coisas, um não olhar para a vida privada. A tomada de distância é constitutiva para o espaço público. Hoje, em contrapartida, domina uma falta total de distância, na qual a intimidade é exposta publicamente e o privado se torna público. Sem afastamento [*Ab-Stand*] não é possível também nenhum bom comportamento [*An-Stand*]. Também o entendimento [*Ver-Stand*]⁴ pressupõe um olhar distanciado. A comunicação digital desconstrói a distância de modo generalizado. A desconstrução da distância espacial acompanha a erosão da distância mental. A medialidade [*Medialität*] do

4 O autor faz um jogo de palavras com o fato de que, em alemão, as palavras para afastamento ou distância (*Abstand*), bom comportamento no sentido de comportamento respeitoso, decoro (*Anstand*) e entendimento (*Verstand*), todas contêm o termo *Stand* que, tomado isoladamente, tem, entre outros sentidos, o sentido de estado, posição – ou seja, é preciso tomar “distância” para que se possa “estar em posição” de respeitar e de entender o outro” [N.T.].

digital é nociva ao respeito. É justamente a técnica do isolamento e da separação, como em *Adyton*⁵, que gera a veneração e a admiração.

A falta de distância leva a que o privado e o público se misturem. A comunicação digital fornece essa exposição pornográfica da intimidade e da esfera privada. Também as redes sociais se mostram como espaços de exposição do privado. A mídia digital como tal *privatiza* a comunicação, ao deslocar a produção de informação do público para o privado. Roland Barthes define a esfera privada como “aquela esfera de espaço, de tempo onde eu não sou uma imagem, um objeto”⁶. Visto desse modo, não teríamos mais hoje qualquer esfera privada, pois não há, agora, nenhuma esfera *em que eu não seria uma imagem*, em que não haveria nenhuma câmera. O Google Glass transforma os olhos humanos, eles mesmos, em uma câmara. *Os olhos mesmos fazem imagens*. Assim,

5 *Adyton* é o espaço no templo grego completamente fechado para o lado de fora [N.A.].

6 BARTHES, R. *Die helle Kammer* – Bemerkung zur Photographie [A câmara clara – Nota sobre a fotografia]. Frankfurt a. M., 1985, p. 23.

nenhuma esfera privada é mais possível. A im-
periosa coação icônico-pornográfica a des-
faz inteiramente.

O respeito está ligado aos *nomes*. Anoni-
midade e respeito se excluem mutuamente. A
comunicação anônima que é fornecida pela
mídia digital desconstrói enormemente o res-
peito. Ela é correspondável pela cultura de in-
discrição e de falta de respeito [que está] em
disseminação. Também o *Shitstorm*⁷ é anôni-
mo. É nisso que consiste a sua violência. Nome
e respeito estão ligados um ao outro. O nome
é a base para o reconhecimento, que sempre
ocorre de modo *nominal* [*namentlich*]. Tam-
bém estão ligadas à *nominalidade* [*Namentli-
chkeit*] práticas como a responsabilidade, a
confiança ou a promessa. Pode-se definir a con-
fiança como uma *crença nos nomes*. A respon-

⁷ *Shitstorm*, traduzido tipicamente como “tempestade de
indignação”, mas que mais literalmente significaria “tem-
pesta de merda”, é o termo usado para descrever cam-
panhas difamatórias de grandes proporções na internet
contra pessoas ou empresas, feitas devido à indignação ge-
neralizada com alguma atitude, declaração ou outra forma
de ação tomada por parte delas. Originalmente, o termo
em inglês é apenas um difemismo vulgar para uma situa-
ção extremamente desagradável ou caótica [N.T.].

sabilidade e a promessa também são um ato
nominal. A mídia digital, que separa a men-
sagem do mensageiro, o recado do remetente,
antiquila o nome.

O *Shitstorm* tem causas múltiplas. Ele é
possível em uma cultura de falta de respei-
to e de indiscrição. Ele é, antes de tudo, um
genuíno fenômeno da comunicação digital.
Assim, ele se distingue fundamentalmente das
cartas de leitores, que estão ligadas às mídias
escritas analógicas e que ocorrem de modo ex-
pressamente *nominal*. Cartas de leitores anô-
nimas acabam rapidamente no cesto de lixo de
redações de jornal. Uma outra temporalidade
caracteriza a carta de leitor. Enquanto se a re-
dige esforçadamente a mão ou com a máquina
de escrever, a exaltação imediata já desvane-
ceu. A comunicação digital, em contraparti-
da, torna uma descarga de afetos *instantânea*
possível. Já por conta de sua temporalidade ela
transporta mais afetos do que a comunicação
analogica. A mídia digital é, desse ponto de vis-
ta, uma *mídia de afetos*.

A conexão digital favorece a comunicação
simétrica. Hoje em dia, aqueles que tomam

parte na comunicação não consomem simplesmente a informação passivamente, mas sim a geram eles mesmos ativamente. Nenhuma hierarquia clara separa o remetente do destinatário. Todos são simultaneamente remetentes e destinatários, consumidores e produtores. Tal simetria, porém, é prejudicial ao poder. A comunicação do poder caminha em uma direção, a saber, de cima para baixo. O *refluxo comunicativo* destrói a ordem do poder. O *Shitstorm* é um tipo de *refluxo*, com todos os seus efeitos destrutivos.

O *Shitstorm* aponta para deslocamentos econômicos e de poder [*machtökonomisch*] na comunicação política. Ele se infla no espaço que é fracamente ocupado pelo poder e pela autoridade. Já em hierarquias planas lançamos-nos no *Shitstorm*. O poder como mídia de comunicação cuida para que a comunicação flua em um sentido. A seleção do curso de ação feita pelos detentores do poder é seguida, por assim dizer, *sem ruídos* pelos subalternos do poder. O ruído ou o barulho é um indício *acústico* do começo da desintegração do poder. Também o *Shitstorm* é um barulho comu-

nicativo. O *carisma*, enquanto expressão aurral do poder, seria o melhor escudo de proteção contra *Shitstorms*. Ele não se deixa inflar desde o princípio.

O presente do poder reduz a improbabilidade da aceitação de minha seleção do curso de ação, de minha decisão de vontade por parte de outros. O poder como meio de comunicação consiste em, tendo em vista a possibilidade do Não, aumentar a probabilidade do Sim. O Não é sempre *alto*. A comunicação de poder reduz consideravelmente o ruído e o barulho, ou seja, a entropia comunicativa. Assim, a *palavra de poder* elimina repentinamente o barulho que se infla. Ele produz um *silêncio*, a saber, o *espaço para ações*.

O respeito como meio de comunicação exerce um efeito semelhante ao do poder. A perspectiva ou a seleção do curso de ação da pessoa de respeito é tomada e incorporada frequentemente sem contradição e discordância. A pessoa de respeito é até mesmo imitada como um exemplo. A imitação corresponde à obediência adiantada no caso do poder. Justamente lá, onde o respeito desvanece, surge

o *Shitstorm* ruidoso. O respeito se forma por meio da atribuição de valores pessoais e morais. A desintegração generalizada de valores faz com que a cultura do respeito eroda. Os exemplos [de pessoa] atuais são livres de valores interiores. São qualidades exteriores antes de tudo que os caracterizam.

O poder é uma relação assimétrica. Ele fundamenta uma relação hierárquica. O poder de comunicação não é dialógico. Diferentemente do poder, o respeito não é necessariamente uma relação assimétrica. Sente-se, de fato, frequentemente respeito por pessoas exemplares ou por superiores, mas o respeito *recíproco*, que se baseia em uma relação simétrica de reconhecimento, é fundamentalmente possível. Assim, mesmo um detentor de poder pode ter respeito por um subalterno do poder. O *Shitstorm* atualmente em expansão por todos os lugares aponta para o fato de que vivemos em uma sociedade sem respeito recíproco. O respeito exige distância. Tanto o poder como o respeito são meios de comunicação produtores de distância e distanciadores.

Em vista do *Shitstorm*, será preciso também redefinir a soberania. É soberano, segundo Carl Schmitt, quem decide sobre o estado de exceção. Pode-se traduzir essa proposição da soberania para o acústico. Soberano é quem consegue produzir um *silêncio absoluto*, eliminar todo barulho, trazer todos ao silêncio de um golpe só. Schmitt não pôde ter nenhuma experiência da conexão digital. Ela certamente o teria feito cair em uma crise total. É conhecido que Schmitt teve medo de ondas por toda sua vida. *Shitstorms* também são um tipo de onda que escapa a todo controle. Pelo medo de ondas, Schmitt também teria removido de sua casa o rádio e a televisão. Ele se viu até mesmo levado, em vista das ondas eletromagnéticas, a reformular a sua famosa proposição da soberania: “Depois da Primeira Guerra Mundial, eu disse: ‘É soberano quem decide sobre o estado de exceção’. Depois da Segunda Guerra Mundial, [estando] diante da minha morte, digo agora: ‘É soberano quem

dispõe das ondas do espaço”⁸. Depois da revolução digital, precisaremos reformular novamente a proposição de Schmitt: *É soberano quem dispõe do Shitstorm da rede.*

Sociedade da indignação

As ondas de indignação são eficientes em mobilizar e compactar a atenção. Por causa de sua fluidez e volatilidade elas não são, porém, apropriadas para organizar o discurso público, a esfera pública. Elas são incontroláveis, incalculáveis, inconstantes, efêmeras e amorfas demais para tanto. Elas se inflam repentinamente e se desfazem de maneira igualmente rápida. Nisso, elas se assemelham aos *Smart Mobs*⁹. Falta a elas a estabilidade, a constância e continuidade que seriam indispensáveis para o discurso público. Desse modo, elas não

8 LINDER, C.: *Der Bahnhof von Finnentrop – Eine Reise ins Carl Schmitt Land* [A estação de Finnentrop – Uma viagem à terra de Carl Schmitt]. Berlin, 2008, p. 422s.

9 *Smart Mobs*, que em português se traduziria para algo como “Multidões Espertas”, são grupos de pessoas capazes de se mobilizarem e se organizarem rapidamente e de modo coordenado por meio de tecnologias digitais de comunicação. O conceito foi introduzido em 2002 por Howard Rheingold em seu livro *Smart Mobs: The Next Social Revolution* [*Smart Mobs: A próxima Revolução Social*]. [N.T.]

se deixam integrar em uma unidade discursiva. As ondas de indignação surgem frequentemente em vista de acontecimentos que têm muito pouca relevância social ou política.

A sociedade da indignação é uma sociedade de escândalo. Ela não tem *contenance*, não tem compostura. A desobediência, a histeria e a rebeldia – que são características das ondas de indignação – não permitem nenhuma comunicação discreta e factual, nenhum *dialógo*, nenhum *discurso*. A *compostura*, porém, é constitutiva para a esfera pública. A distância, porém, é necessária para formação da esfera pública. As ondas de indignação indicam, além disso, uma identificação fraca com a comunidade. Desse modo, elas não formam nenhum *Nós* estável, que apresentasse uma *estrutura de zelo pela sociedade como um todo*. Também o zelo do assim chamado cidadão enraivecido não é [um zelo] por toda a sociedade, mas sim, em larga medida, um *zelo por si mesmo*. Por isso, ele se desfaz de novo rapidamente.

A primeira palavra da *Iliada* é *menin*, a saber, a cólera [Zorn]. “*Cantem, deusas, a cólera de Aquiles, filho de Peleus*”, assim começa a pri-

meira narrativa da cultura ocidental. A cólera é, aqui, *cantável*, porque ela suporta, estrutura, anima, aviva e dá o ritmo da narrativa da *Iliada*. Ela é pura e simplesmente o *meio de ação heroico*. A *Iliada* é um *canto da cólera*. Essa cólera é narrativa, épica, porque ela produz determinadas ações. Nisso, a cólera se distingue fundamentalmente da raiva como afeto das ondas de indignação. A indignação digital não é *cantável*. Ela não é capaz nem de [levar à] ação, nem de [levar à] narrativa. Ela é, antes, um *estado* afetivo, que não desenvolve nenhuma força com poder de ação. A desintegração generalizada que caracteriza a sociedade de hoje não deixa surgir a energia épica da cólera. A fúria [Wut] no sentido empático é mais do que um estado afetivo. Ela é uma capacidade de interromper um estado existente e permitir que um novo estado comece. Assim, ela produz o futuro. A massa de indignação [Empörungsmasse] atual é extremamente fugidia e dispersa. Falta a ela a *massa* [Masse], a gravitação que é necessária para ações. Ela não gera nenhum futuro.

No enxame

Em *Psicologia das Massas* (1895) o psicólogo das massas Gustave Le Bon define a Modernidade como a “Era das Massas”. Ela formaria um daqueles momentos críticos no qual o pensamento humano estaria prestes a se transformar. O presente seria um “período da transição e da anarquia”. A sociedade futura terá de contar, em sua organização, com uma nova força, a saber, a força das massas. Assim, ele assevera laconicamente: “A era na qual nós entramos será, em verdade, a *Era das Massas*”¹⁰.

Le Bon vê o legado da ordem da soberania ruir. Agora, a “voz do povo” conseguiu a preponderância. As massas fundaram “sindica-

10 LE BON, G. *Psychologie der Massen* [Psicologia das Massas]. Stuttgart, 1982, p. 2.

tos aos quais todos os detentores do poder se submetem, bolsas de trabalho que, desafiando todas as leis econômicas, tentam regular as condições de trabalho e de salário”¹¹. Os representantes no parlamento seriam apenas seus servos. A massa aparece para Le Bon como um fenômeno da nova relação de soberania. O “direito divino das massas” substituiria o direito divino do rei. Para Le Bon, a insurgência das massas leva tanto à crise da soberania como ao declínio da cultura. As massas seriam, segundo Le Bon, “destruidoras da cultura”. Uma cultura se apoiaria em “condições para as quais as massas, deixadas a si mesmas,” seriam “completamente inacessíveis”¹².

Claramente, encontramos hoje novamente em uma crise, em uma transição crítica, pela qual uma outra revolução, a saber, a revolução digital, parece ser responsável. Mais uma vez, uma formação dos muitos ameaça uma relação de poder e de soberania. A nova massa é o *enxame digital*. Ela apresenta pro-

priedades que a distinguem radicalmente da clássica formação dos muitos, a saber, da *massa*.

O enxame digital não é nenhuma massa porque, nele, não habita nenhuma *alma* [Seele], nenhum *espírito* [Geist]. A alma é aglomerada e unificante. O enxame digital consiste em indivíduos singularizados. A massa é estruturada de um modo inteiramente diferente. Ela revela propriedades que não podem ser referidas aos indivíduos. Os indivíduos se fundem em uma nova unidade, na qual eles não têm mais nenhum *perfil próprio*. Um aglomerado contingente de pessoas ainda não forma uma massa. É primeiramente uma alma ou um espírito que os funde em uma massa fechada e homogênea. Uma alma de massa ou um espírito de massa falta inteiramente ao enxame digital. Os indivíduos que se juntam em um enxame não desenvolvem nenhum *Nós*. Não lhes caracteriza nenhuma consonância que leve a massa a se unir em uma massa de ação. O enxame digital, diferentemente da massa, não é em si mesmo coerente. Ele não se externa como uma *voz*. Também falta ao *Shitstorm* a uma voz. Por isso ele é percebido como *barulho*.

11 *Ibid.*, p. 3.

12 *Ibid.*, p. 5.

Para McLuhan, o *homo electronicus* é um ser humano de massa: “O ser humano de massa é o habitante eletrônico do globo e ligado ao mesmo tempo com todos os outros seres humanos, como se ele fosse um espectador em um estádio global. Assim como o espectador em um estágio é um ninguém, o cidadão eletrônico é um ser humano cuja identidade privada foi psiquicamente dissolvida por meio da solicitação excessiva”¹³. O *homo digitalis* [“homem digital?”] é tudo, menos um “ninguém”. Ele preservava a sua identidade privada, mesmo quando ele se comporta como parte do enxame. Ele se externa, de fato, de maneira anônima, mas via de regra ele tem um *perfil* e trabalha ininterruptamente em sua otimização. Em vez de ser “ninguém”, ele é um *alguém* penetrante, que se expõe e que compete por atenção. O ninguém do meio de massas, em contrapartida, não reivindica nenhuma atenção para si mesmo. A sua identidade privada é

dissolvida. Ele é absorvido pela massa. É nisso que também consiste a sua fortuna. Ele não pode ser *anônimo*, pois ele é um *ninguém*. O *homo digitalis*, em contrapartida, apresenta-se frequentemente, de fato, anonimamente, mas não é um *ninguém*, mas sim *alguém*, a saber, um *alguém anônimo*.

O mundo do *homo digitalis* aponta, além disso, para uma topologia completamente diferente. São estranhas a ele espacialidades como estádios ou anfiteatros, ou seja, lugares de reunião de massas. Elas pertencem à topologia das massas. O habitante digital da rede não se reúne. Falta a ele a *interioridade da reunião* que produziria um *Nós*. Eles formam um especial *aglomerado sem reunião*, uma *massa* [Menge] sem interioridade, sem alma ou espírito. Eles são, antes de tudo, *Hikikomori*¹⁴ isolados para si, singularizados, que apenas se sentam diante da tela. Mídias eletrônicas como o rádio

13 McLUHAN, M. *Wohin steuert die Welt?* – Massenmedien und Gesellschaftsstruktur [Para onde vai o mundo? – Mídias de massa e estrutura da sociedade]. Viena et al., 1978, p. 174.

14 Termo japonês que se refere de modo geral a pessoas entre 15 a 39 anos que, visando evitar o contato com outras pessoas, removem-se inteiramente da sociedade. De fato, o termo em japonês *Hikikomori* significa, literalmente, “isolado em casa” [N.T.].

reúnem pessoas, enquanto as mídias digitais as singularizam.

Os indivíduos digitais se formam ocasionalmente em aglomerados como, por exemplo, em *Smart Mobs*. Os seus *paradignas coletivos de movimento* são, porém, como dos antigos que formam enxames, muito efêmeros e instáveis. A volatilidade se destaca. Além disso, eles frequentemente passam uma impressão de serem carnavalescos, lúdicos e descompromissados. Nisso o enxame digital se distingue da massa tradicional, que, como a massa de trabalho, não é volátil, mas sim dotada de vontade [voluntativ] e não constitui um *paradigma efêmero*, mas sim *formações firmes*. Com uma alma, unida por uma ideologia, *ela marcha em uma direção*. Por causa de sua decisão e de sua firmeza dotadas de vontade, ela também é capaz do Nós, da *ação comum*, que consegue atacar frontalmente a relação de poder existente. É primeiramente a massa decidida a uma ação comum que gera o poder. *A massa é o poder*. Falta aos enxames digitais essa decisão. Eles não *marcham*. Eles se dissolvem de maneira tão rápida quanto surgiram. Por causa dessa

efemeridade, eles não desenvolvem nenhuma energia política. *Shitstorms* igualmente não estão em condições de colocar em questão a *relação de poder* dominante. Eles se lançam apenas a *pessoas* individuais, embarcando-as ou escandalizando-as.

Segundo Michael Hardt e Antonio Negri, a globalização desenvolve duas forças opostas. De um lado, ela erige uma ordem de domínio capitalista descentralizada, desterritorializada, a saber, o “Império”. De outro lado, ela produz uma assim chamada “Multidão”, uma composição de singularidades que se comunicam por meio da rede e agem conjuntamente. Ela se opõe, no interior do Império, ao [próprio] Império.

Hardt e Negri constroem o seu modelo teórico com base em categorias historicamente ultrapassadas, como classe ou luta de classes. Assim, eles definem a “multidão” como uma classe que é capaz de um agir conjunto: “Em uma primeira aproximação, a multidão deve ser compreendida como composição de todos aqueles que trabalham sob o domínio

do capital e, por isso, potencialmente como a classe que resiste ao domínio do capital¹⁵. A violência que parte do Império é interpretada como a violência da *exploração alheia*: “A massa (Multidão) é a verdadeira força produtiva do mundo social, enquanto o Império é um aparato de exploração que vive da força vital da massa – ou, para dizer tomando empréstimo a Marx, um regime de acumulação do trabalho morto, que apenas sobrevive pelo fato de que ele suga, como um vampiro, o sangue dos vivos”¹⁶. O discurso de classe só faz sentido no interior de uma pluralidade de classes. A multidão, porém, é uma classe *única*. *Todos* que fazem parte do sistema capitalista pertencem a ela. O Império não é uma classe dominante que explora a multidão, pois, hoje em dia, *explora-se* a si mesmo, mesmo que se pense se encontrar em liberdade. O sujeito produtivo

15 HARDT, M. & NEGRI, A. *Multitude – Krieg und Demokratie im Empire* [Multidão – Guerra e democracia no império]. Frankfurt a. M., 2004, p. 124.

16 HARDT, M. & NEGRI, A. *Empire – Die neue Weltordnung* [Império – A nova ordem mundial]. Frankfurt a. M., 2003, p. 75.

de hoje é ofensor e vítima simultaneamente. Claramente, Negri e Hardt não conhecem essa lógica da *autoexploração*, que é muito mais eficiente do que a exploração alheia. *Ninguém* domina verdadeiramente no Império. Ele apresenta o sistema capitalista ele mesmo, que se estende a *todos*. Assim, é possível, hoje, uma exploração sem dominação.

O sujeito econômico neoliberal não forma nenhum “Nós” capaz de um agir conjunto. A egotização crescente e a atomização da sociedade leva a que os espaços para o agir conjunto encolham radicalmente e impede, assim, a formação de um contrapoder que pudesse efetivamente colocar em questão a ordem capitalista. *O socius* [“social”] dá lugar ao *solus* [“sozinho”]. Não a multidão, mas sim a *solidão* caracteriza a constituição social atual. Ela é abarcada por uma desintegração generalizada do comum e do comunitário. A solidariedade desaparece. A privatização avança até a alma. A erosão do comunitário torna um agir comum cada vez mais improvável. Hardt e Negri não tomam conhecimento desse de-

envolvimento e invocam uma revolução comunista da multidão. O seu livro conclui com uma idealização romântica do comunismo:

“Na Pós-modernidade nos encontramos novamente na mesma situação de Francisco de Assis, e contrapomos, à miséria do poder, a alegria pelo ser. Nenhum poder poderá controlar essa revolução – pois biopoder e comunismo, cooperação e revolução permanecem unidos no amor, na simplicidade e também na inocência. Aí se mostra a leveza que não pode ser oprimida e a felicidade de ser comunista”¹⁷.

Desmediação

A mídia digital é uma mídia da *presença*. A sua temporalidade é o presente imediato. A comunicação digital se caracteriza pelo fato de que informações são produzidas, enviadas e recebidas sem mediação por meio de intermediários. Elas não são dirigidas e filtradas por meio de mediadores. A instância intermediária interventora é cada vez mais dissolvida. Mediação e representação são interpretadas como não transparência e ineficiência, como congestionamento de tempo e de informação. Uma mídia eletrônica de massa clássica como o rádio só permite uma comunicação unilateral. Por causa de sua estrutura anfiteatral, nenhuma interação é possível. A sua transmissão *radioativa*, por assim dizer, permanece sem reflexão. Ela sempre transmite em uma [única] direção. O destinatário da

¹⁷ *Ibid.*, p. 420.